



**A.: R.: L.: S.: DE ADONHIRAM nº 3479 - Fundada em 26 de Novembro de 2002
Federada ao Grande Oriente do Brasil - Subordinada ao Grande Oriente de São Paulo
Rua Chamanta nº 216 – CEP 03127-000 – Mooca – São Paulo**

Ética no cotidiano

Como transmitir princípios morais aos nossos filhos se eles estão expostos ao bombardeio dos meios de comunicação, que exalam valores tão distorcidos?

Como torná-los responsável e íntegro, num mundo em que o mal parece vencer sempre?

Questões como essas são colocadas por pais e educadores, assustados com a sensação de impotência frente aos apelos do mal. Acreditamos em sua angústia e na sinceridade de sua preocupação, mas será que o comportamento desses adultos é coerente com o discurso?

Não existem controvérsias quanto aos valores que nossa cultura preza: valorizamos a dignidade, a justiça, a honestidade, a honra – palavras, que traduzem conceitos vagos e ambíguos. A questão é que nossa crença em valores se dá no atacado e no abstrato, porém a transmissão desses princípios se faz no varejo, nas miudezas do cotidiano. E aí nosso comportamento reflete o contrário do que cultuamos: nos divertimos com brincadeiras agressivas, que humilham o próximo; transgredimos as leis de trânsito, em flagrante desprezo pelos direitos do outro (passamos pelo acostamento quando a estrada está congestionada, paramos em fila dupla na frente da escola, desrespeitamos a faixa de pedestres); compramos discos e fitas pirateados, fazemos ligações clandestinas de tv a cabo, numa exibição do mais selvagem individualismo. Essas atitudes desacreditam nossos sermões sobre disciplina e respeito.

Queremos que nossos filhos sejam responsáveis, mas como eles aprenderiam a arcar com as conseqüências de suas escolhas se ao

brincarmos juntos, trapaceamos nos jogos, burlando as regras para deixá-los ganhar?

Fazemos isso com o pretexto de preservar a auto-imagem da criança (como se só os vencedores fizessem boa figura, apenas os vitoriosos pudessem ser amados), mas de fato porque não agüentamos vê-los desapontados.

Como fazê-los disciplinados e ordeiros se vivem sob a ilusão de uma mágica que transforma a bagunça e a sujeira em limpeza e ordem, na escola ou em casa? Como levá-los a respeitar a opinião do outro e a fazer concessões em situações de conflito se nossa confusão entre violência e liderança convence o menino brigão de que é uma criança “de personalidade forte, que sabe o que quer?”.

Isso não significa que nosso discurso seja mentiroso. O comportamento de uma platéia no cinema (que se identifica com o herói), a imediata solidariedade com que uma população responde a uma tragédia demonstram que prezamos os valores que alardeamos. Mas talvez a coerência não seja um atributo dos humanos: sentimos contraditórios convivem tranqüilamente dentro de nós. Sobretudo, somos muito distraídos: a maior parte do tempo, funcionamos sob o comando de um piloto automático, que nos empurra para o caminho mais fácil, esquecidos dos valores que deveriam nortear nossas escolhas. Mas nossos filhos prestam atenção aos nossos gestos – gravam mais nossas atitudes do que nossas palavras.

Seríamos pais melhores se fôssemos mais atentos e cuidássemos para que nosso comportamento cotidiano refletisse nossos princípios morais. E nos tornaríamos pessoas melhores se aprendêssemos a transformar os discursos sobre lealdade e fraternidade em gestos de solidariedade e compreensão.

Antonio Giannini M.:I.:Agosto de 2001 E.:V.: